

Ensino Centrado no Aluno

Elisa Wolyneć

ewolyneć@techne.com.br

Há mais de uma década escrevi um artigo sobre o tema: Transformando Instituições de Ensino em Instituições de Aprendizagem. Volto a bater na mesma tecla, agora no contexto das possibilidades oferecidas pelos ambientes virtuais de aprendizagem, ou seja, pelo e-learning.

Na maioria das Instituições de Ensino Superior (IES), quando há uma reunião de docentes, a discussão é centrada no programa de ensino, em vez de preocupar-se com aquilo que o aluno irá aprender. Ver a IES como uma instituição de aprendizagem é centrar o foco no aluno, no cliente da instituição, na sua satisfação, no valor que será agregado ao seu conhecimento, às suas habilidades e competências, ao seu sucesso profissional.

As IES ainda se preocupam com a tal "liberdade acadêmica", ou seja, com a liberdade de o professor ensinar da forma que lhe apraz. Na maioria das vezes isso significa que o professor tem o direito de ministrar o curso na forma que já preparou, às vezes décadas atrás. É a liberdade de ensinar do mesmo jeito, o mesmo conteúdo, nas diferentes instituições onde atua como docente.

O resultado dessa tal "liberdade acadêmica" é a utilização de técnicas de ensino que repetidamente têm se mostrado inadequadas para promover a aprendizagem.

O modelo pedagógico adotado, a forma de ensinar, deve ser o diferencial de cada instituição. Os docentes contratados devem

aderir ao modelo adotado pela instituição e contribuir para aprimorá-lo. Por outro lado a IES deve prover um Centro de Tecnologia da Aprendizagem onde os docentes são habilitados nas técnicas de ensino características da IES.

Quando o foco é o aluno, a primeira coisa a ser reconhecida é que qualquer turma de alunos é constituída por indivíduos com diferentes estilos de aprendizagem¹. Alguns alunos tendem a focalizar mais fatos, dados e algoritmos, enquanto outros se sentem mais confortáveis com teorias e modelos matemáticos. Alguns podem aprender mais facilmente através de informações visuais, como figuras, diagramas e esquemas, enquanto outros conseguem entender melhor a partir de informações verbais: orais ou escritas. Uns preferem aprender ativa e interativamente, outros se adaptam melhor a uma abordagem mais introspectiva e individual.

É difícil para um docente, numa aula expositiva tradicional, acomodar todos os estilos de aprendizagem. Entretanto, os ambientes virtuais de aprendizagem têm obtido grande sucesso porque possibilitam oferecer ao aluno diferentes oportunidades de aprendizagem, cobrindo os diferentes estilos.

Ao planejar a utilização da Internet no ensino, deve-se pensar o que pode ser feito com esse novo ambiente que não é possível fazer em uma aula tradicional. É nesse ponto que reside o diferencial competitivo. Não é usando a Internet para distribuir vídeos de aulas tradicionais que se consegue ampliar a

aprendizagem. Os vídeos podem ser úteis, mas desde que dentro de um contexto de aprendizagem ativa e colaborativa.

É fundamental abandonar o modelo de ensino-aprendizagem instrutivista, centrado no professor, que supõe que o conhecimento pode ser obtido passivamente através da transferência de informação do professor para o aluno. Nesse modelo o professor controla o processo de aprendizagem através da distribuição de informação. A ênfase está em distribuir informação em vez de facilitar a aprendizagem através de atividades que estejam em sintonia com as necessidades e preferências dos alunos. Além disso, confunde-se informação com conhecimento.

A diferença entre informação e conhecimento é sutil, porém importante. Conhecimento é o significado que se extrai da informação, é a interpretação. Usualmente, o conhecimento é desenvolvido através de um processo interativo, através da discussão com pares ou desenvolvendo uma análise crítica da informação. Para desenvolver o conhecimento é necessário um ambiente de aprendizagem muito mais rico e diversificado do que o utilizado para simples transmissão de informação.

Atualmente, a teoria de aprendizagem mudou o foco do ensino para o foco na aprendizagem.²⁻³ A visão construtivista assegura que o aluno controli novo conhecimento através de um processo de relacionamento da nova informação com o seu conhecimento e experiência anteriores. Nesse modelo, os docentes tornam-se orientadores, em vez de distribuidores de informação. A prática docente é centrada no papel do estudante no processo de construção do conhecimento. A distância geográfica torna-se irrelevante e a infraestrutura tecnológica tem o papel de facilitar a comunicação e oferecer mecanismos de

interação que auxiliem a construção do conhecimento.⁴ A metodologia é praticamente a mesma para as modalidades de ensino presencial e a distância.

Em resumo, os princípios básicos para o sucesso da aprendizagem são:

1. Engajar os alunos no processo de aprendizagem, levando-os a assumir a responsabilidade por sua aprendizagem.
2. Criar e oferecer tantas oportunidades de aprendizagem quantas possíveis, para atender aos diferentes estilos de aprendizagem.
3. Criar e oferecer atividades de aprendizagem ativa, práticas e colaborativas.
4. Definir o papel dos docentes, facilitadores da aprendizagem, através das necessidades de seus alunos.
5. A IES e seus facilitadores de aprendizagem atingem seus objetivos através da produção e seleção de conteúdo e de atividades para seus alunos.

¹ R.M. Felder and R. Brent, "[Understanding Student Differences.](#)" *J. Engr. Education*, 94(1), 57-72 (2005)

² Berge, Z., & Collins, M. (1995). Computer-mediated communication and the online classroom in distance learning. *Computer-Mediated Communications Magazine*.
<http://sunsite.unc.edu/cmcmag/1995/apr/berge.htm>

³ Schuyler, G. (1997). A paradigm shift from instruction to learning. *ERIC Digests*.
<http://www.gseis.ucla.edu/ERIC/digests/dig9802.htm>

⁴ Saba, F. (1998). Is distance education comparable to "traditional" education? *Distance Education Report, sample issue*, 3. <http://www.distance-educator.com/der/comparable.html>